

CAMINHOS E DESCAMINHOS DAS PALAVRAS DO TUTOR NA EAD

PATHS AND MISCONCEPTIONS OF THE WORDS OF THE TUTOR IN THE EAD

Rita de Cássia Lopes Toledo

UFLA, Prefeitura Municipal de Formiga
cassiatoledo1@gmail.com

Kyldes Batista Vicente

Faculdade ITOP, Unitins
kyldevs@gmail.com

RESUMO: Este trabalho trata dos caminhos abertos pelas novas tecnologias em educação e os descaminhos que se abrem frente às grandes dificuldades de fomentar, no país, a educação a distância. Para tal, será utilizada como abordagem teórica os conceitos de linguagem dialógica e a linguagem como processo de interação (Bakhtin), a ideia de repertório (Paulo Freire) e de aluno virtual (Pierre Lévy). O objetivo é construir, a partir dessas noções, uma reflexão acerca do papel do tutor na EaD, considerando-o numa perspectiva que envolve o processo de virtualização, segundo o compreende Pierre Lévy. Freire ainda nos oferece a perspectiva da importância do diálogo como um eixo para pensar sobre o papel da educação na construção de uma sociedade mais democrática. Apresentar-se-á, portanto, um levantamento dos caminhos e descaminhos da EaD, a partir do olhar do tutor de Letras, para que se possa tecer argumentos e fazer apontamentos sobre as perspectivas de melhoria, estímulo e expansão da nova forma de educação que a modernidade nos proporcionou.

PALAVRAS-CHAVE: Educação a Distância. Tutor. Interação.

ABSTRACT: This paper deals with the ways opened by the new technologies in education and the mismatch that opens up to the great difficulties of fomenting, in the country, distance education. For that, the concepts of dialogic language and language as a process of interaction (Bakhtin), the idea of repertoire (Paulo Freire) and virtual student (Pierre Lévy) will be used as theoretical approach. The objective is to build, from these notions, a reflection on the role of the tutor in the EaD, considering it in a perspective that involves the process of virtualization, according to Pierre Lévy. Freire still offers us the perspective of the importance of dialogue as an axis to think about the role of education in the construction of a more democratic society. We will therefore present a survey of the ways and ways of the EaD, from the perspective of the tutor of Letters, so that we can weave arguments and make notes on the prospects for improvement, stimulation and expansion of the new form of education that the modernity provided us.

KEYWORDS: Distance Education. Tutor. Interaction

INTRODUÇÃO

Para a elaboração de um texto reflexivo acerca dos caminhos e descaminhos apresentados e trilhados pelo tutor na educação da distância, buscaremos em Bakhtin (a linguagem dialógica e a interação pela linguagem) e

Paulo Freire (repertório) elementos para entender a lógica da linguagem dialógica assimilada pelos autores de textos para o ensino a distância.

Nosso texto será conduzido em partes: em primeiro lugar, a linguagem dialógica, a linguagem como processo de interação; depois, a noção de tutor e a sua função no processo de ensino e aprendizagem a distância; um terceiro momento será destinado ao estudo do conceito de aluno virtual. Tudo isso para que possamos chegar à reflexão proposta.

Linguagem dialógica, linguagem como processo de interação e repertório

O que distingue as ciências humanas das outras ciências é o fato de seu objeto de investigação ser o texto (ou o discurso). As ciências humanas focalizam o homem como produtor de textos: “[...] o homem não é só conhecido através dos textos, como se constrói enquanto objeto de estudos nos textos ou por meio deles [...]” (BARROS, 2005a, p. 26).

Ao considerar o texto como objeto das ciências humanas, Bakhtin identifica duas concepções diferentes do princípio dialógico: a do diálogo entre interlocutores e a do diálogo entre discursos. Esse teórico compreende que, nas ciências humanas, tanto o objeto quanto o método são dialógicos.

Na condição de objeto, o texto é artefato de significação (o texto significa), produto de uma enunciação feita em um determinado contexto sócio-histórico e dialógico, uma vez que se define pelo diálogo entre os interlocutores e, também, pelo diálogo entre outros textos. Além disso, o texto é único e não-reproduzível.

Segundo Barros (2005), para Bakhtin, as relações entre o sujeito da cognição e o sujeito cognitivo (a ser conhecido), nas ciências humanas, são relações de comunicação entre Destinator e Destinatário: “O sujeito da cognição procura *interpretar* ou compreender o outro sujeito em lugar de buscar apenas conhecer o objeto” (BARROS, 2005a, p. 28, grifo do autor). Isso porque a compreensão é uma espécie de diálogo. Por isso, ela está para a enunciação como uma réplica está para a outra no diálogo. Para Bakhtin (1978, p. 132), “Compreender, portanto, é opor uma contrapalavra à palavra do locutor”.

A concepção de linguagem de Bakhtin é dialógica, o que reflete o entendimento de que o ser humano é definido pela alteridade e depende do outro

para sua concepção, uma vez que é impossível pensar no homem sem ter em consideração as relações que o ligam ao outro. Para Bakhtin, citado por Barros (2005a, p. 28), “a vida é dialógica por natureza”.

Conforme já indicado, Barros (2005b) informa que os escritos de Bakhtin apresentam duas noções de dialogismo: dialogismo entre interlocutores e dialogismo entre discursos. No primeiro caso, que nos interessa aqui, admite-se que

É na interação entre interlocutores que reside o princípio fundador da linguagem. [...] O sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, ou seja, constroem-se na produção e na interpretação dos textos; a intersubjetividade é anterior à subjetividade, pois a relação entre os interlocutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores do texto (BAKHTIN, *apud* BARROS, 2005b, p. 30-31).

Em face disso, o discurso não é individual: ele se constrói entre, pelo menos, dois interlocutores, por sua vez, seres sociais. Não é individual também por causa de suas relações com outros discursos. Enfim, a linguagem é, por constituição, dialógica. Barros distingue dialogismo e polifonia, usados, algumas vezes, como sinônimos. Segundo essa autora, o primeiro termo refere-se ao “princípio dialógico constitutivo da linguagem e de todo discurso” (2005b, p. 35), e o segundo é empregado para “caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que o dialogismo se deixa ver, aquele em que são percebidas muitas vozes [...]” (2005b, p.35).

Nos textos polifônicos, são percebidas muitas vozes, o que faz oposição aos textos monofônicos, que dissimulam os diálogos que os constituem. O diálogo é condição da linguagem e do discurso. No entanto, há textos monofônicos e polifônicos, em harmonia com as estratégias discursivas empregadas.

Enfim, os textos polifônicos são aqueles nos quais os diálogos entre discursos ficam patentes. Nos textos monofônicos, ao contrário, esses diálogos não se deixam perceber: estão ocultos sob a configuração de discurso único, de uma voz que ecoa isoladamente. Logo, não é difícil perceber que monofonia e polifonia são efeitos de sentido, resultantes de procedimentos discursivos.

Neste trabalho, utilizaremos a noção de dialogismo entre interlocutores, uma vez que consideraremos a relação entre o aluno e o tutor no processo da

educação a distância. No que se refere ao aluno, o elemento que apresenta para construir a relação com o conteúdo apresentado pelo tutor é seu repertório: o aluno traz o seu repertório para interagir com o discurso do tutor.

Mas o que se compreende por repertório? De acordo com Paulo Freire (1987), repertório é o conjunto das experiências que o aprendiz traz para escola, resultado das vivências cotidianas em um contexto sócio-histórico específico, para dialogar com o conhecimento sistematizado com o qual entrará em contato na instituição escolar. O repertório identifica o sujeito: é sua visão de mundo. Não é um simples discurso, mas envolve “[...] rotinas, instrumentos, maneiras de fazer, gestos, signos, símbolos, ações ou conceitos que o aluno, como sujeito social, vem produzindo ou adotando no curso de sua existência e que passam a ser parte de sua prática”. (WENGER, 2006, s/p). Sendo assim, o repertório do aluno é mais que um discurso. Envolve, além de palavras, o não-dito, e é mais que um pano de fundo para a construção do conhecimento. Talvez se possa dizer que ele, o repertório, seja uma espécie de chão do qual nasce o novo conhecimento, auxiliado pela percepção que o autor dos textos possui dos alunos virtuais a partir de conhecimentos preliminares, tais como a consciência da realidade educacional brasileira, os problemas enfrentados pelo ensino público e o perfil do aluno que ele elabora por meio dos fóruns e chats.

Não se pode afirmar a ocorrência de uma relação cem por cento do conteúdo apresentado pelo tutor na disciplina e o repertório do aluno. Entretanto, pode-se arriscar a possibilidade de que ocorram pontos de contato, a partir dos quais dar-se-á o primeiro passo na construção do conhecimento pelo aluno, cuja expansão dependerá, apenas, de seu empenho individual e da habilidade de contrapor sua palavra à palavra do tutor, o que resultará do exercício contínuo da autoaprendizagem.

O tutor como mediador da aprendizagem

O tutor de EaD é um profissional qualificado que comunga conhecimentos específicos da sua área de conhecimentos, no caso em questão, o curso de Letras/Português, com conhecimentos pedagógicos que resultam em uma prática eficaz capaz de formar profissionais competentes e comprometidos, com

habilidades e conhecimentos e cidadãos e pensantes, para a sociedade em que vivemos.

O tutor tem a grande responsabilidade de levar a palavra, por caminhos, onde por vias normais, através das Instituições de Ensino públicas ou privadas, seria, por assim dizer, impossível de se chegar. Entretanto, por meio da EaD, os tutores encurtam os caminhos e fazem com que estas palavras cheguem.

A contratação dos profissionais é feita através de concurso de provas de conhecimentos específicos, em sua área de atuação, para professores com pós-graduação, dando prioridade para os professores que estejam cursando mestrado ou doutorado, o que prova a preocupação com o nível do curso de graduação a ser oferecido pela Instituição de Ensino. O Ministério da Educação utiliza o método do curso não presencial, o que é uma grande vantagem para o cursista que, muitas vezes, mora em lugares onde não existe uma Instituição de Ensino Superior Pública ou Privado, ou mesmo que esta exista, (ele) não precisa sair do trabalho, enfrentar dificuldades para chegar à escola cansado e correr o risco de sofrer a discriminação dos colegas, que não possuem a mesma rotina.

No ensino a distância, o aluno chega em casa, descansa, se alimenta, e depois vai para seu computador onde, ao entrar no AVA, sempre encontra algum colega, ou mesmo o tutor com quem pode interagir, trocar ideias, opiniões. O método não presencial implica em toda forma de ensino/aprendizagem, onde tutores e alunos não permanecem em contato físico, nem interagindo ao mesmo tempo, mas os tutores são treinados pelas Instituições de Ensino, onde estarão prestando serviços para o atendimento aos alunos.

Os treinamentos feitos pelo CEAD por profissionais da assessoria didática (planejamento, elaboração, execução e treinamento) e do professor-tutor, devem ter carisma e ser um bom observador, saber ler nas entrelinhas do texto do aluno, as dificuldades pelas quais o aluno está passando e auxiliá-lo a vencer e transpor as barreiras que ele precisa. O tutor precisa, muitas vezes, ser também um psicopedagogo e um psicólogo.

Em nosso programa de educação a distância, temos diversos exemplos de cursistas de cidades, ou mesmo distritos, onde eles não possuem sequer um computador, o distrito onde a internet ainda não chegou, mas o aluno tem um sonho: ser um profissional e ter reconhecimento em sua profissão, como

professor, formado pela UFLA. Então, semanalmente, ele viaja até a cidade e vai fazer as atividades através do AVA, pois em casa ele já estudou seu material de estudo, já conhece as atividades a serem resolvidas e, chegando à cidade, procura por uma escola pública onde possa conseguir um computador com internet, que possa usar como empréstimo e fazer as suas atividades.

Nestes dois dias da semana, em nosso caso segunda e terça-feira, entra em contato com o tutor, interage com os colegas da cidade e de outras cidades mais próximas via mensagem, através do AVA, e retorna à tarde, para sua casa, com a certeza de seu dever cumprido, já que conversou com o tutor, interagiu com os colegas e realizou suas atividades. Na próxima semana voltará, pois outras atividades o esperam para serem realizadas. Sua alegria é levar impresso os feedbacks que recebeu dos tutores, os resultados de seus esforços, sejam eles elogios, risos de felicidades, mas se forem críticas construtivas, leva a resposta da conversa que teve com a tutora e o esclarecimento de suas dúvidas com relação aos conteúdos que sozinho, não conseguiu assimilar. Mas ouviu sempre do tutor “antes de postar as atividades tire sempre suas dúvidas comigo, estou sempre à sua disposição”.

Desta forma, o tutor vai costurando as palavras e levando seus alunos por caminhos mais além, sabendo que, em sua jornada, precisa interagir com os alunos, conhecê-los e fazer-se conhecidos deles. Em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1996), Paulo Freire enfatiza que para um educando cuja perspectiva seja progressista, é necessário estar de acordo que só é possível ensinar em processo, já que o conhecimento é obtido socialmente e não se trata de um ato de transmissão de conhecimento, mas sim de criação de oportunidades para construção de saberes, representando um processo de formação, na qual o educando se torna sujeito de seus conhecimentos, porém, ambas as partes desse processo passam por um aprendizado.

Nessa perspectiva, o tutor atuará juntamente com o professor neste processo de acompanhamento dos alunos, eles terão pela frente muitos desafios, e um deles é demonstrar empatia e capacidade para entender seus alunos. Os alunos precisam ser orientados e motivados para que se envolvam no conteúdo das aulas, nas atividades, etc.

É o professor que, no decorrer dos módulos, envia mensagens para os alunos, incentivando-os, motivando-os e é por suas reações que sabemos quem necessita de maior apoio, também promove e acompanha as interações entre os alunos e o material didático. Então, é o professor/tutor que organiza os grupos de trabalho ou de estudo, incentivando a aprendizagem colaborativa. Os alunos precisam ser orientados pelos tutores e incentivados para que se envolvam ativamente nos conteúdos e nas atividades.

Neste caso, sendo o curso bem elaborado, como são os nossos cursos, eles oferecem ao tutor, e aos alunos, muitas oportunidades de construção de conhecimento. Mas o que seria o aluno virtual? Esse conceito será apresentado no próximo item.

Aluno Virtual

A compreensão acerca da virtualidade não é propriamente uma criação da modernidade tardia: filósofos clássicos como Aristóteles e Heráclito já debatiam sobre o assunto no século VI a.C., quando elaboravam os conceitos de movimento e virtual. Desde então, o conceito de virtual explica a mutação do espaço e do tempo, aspectos fundamentais às atividades humanas.

Segundo Lévy (1997), a palavra virtual vem do latim *virtualis*, derivado, por sua vez, de *virtus*, força, potência. Na filosofia aristotélica, o virtual é aquilo que existe em potência e não em ato. Uma das características do virtual é ter a condição de atualizar-se, prescindindo da concretização efetiva ou formal. Lévy assenta sua base do conceito de virtual enfatizando, particularmente, as alterações por ele produzidas nas concepções de espaço (desterritorialização) e de tempo (desprendimento do aqui e agora). Dessa forma, ele defende que o virtual usa novos espaços e novas velocidades, problematizando e reinventando o mundo.

O conceito de virtual como potência e não como ato aproxima-se do conceito de narratário, outro elemento da teoria da narrativa. Assim como ocorre com o conceito de narrador, o de narratário exige a distinção relativamente ao leitor real da narrativa: o narratário é uma entidade fictícia, um ser de papel, cuja existência é puramente textual. Ele depende diretamente de outro ser de papel: o narrador, que se dirige a ele de forma expressa ou tácita. Mesmo que, para

alguns autores, o conceito de narratário não se refira ao leitor ideal, nem ao leitor virtual, Umberto Eco (1986, p. 37) defende que “um texto postula o próprio destinatário como condição indispensável não só da capacidade concreta de comunicação, mas também da própria potencialidade significativa”.

Por essa razão, aproximamos nosso conceito de aluno virtual da compreensão de narratário: como se trata de educação a distância, cujos alunos, em suas potencialidades, algumas vezes não são conhecidos pelos professores, estes, ao elaborar os cadernos de conteúdos, imaginam um destinatário para eles. Esse destinatário, condição imprescindível da comunicação e da significação do texto, como o narratário, é uma entidade fictícia, um ser de papel, com o qual o professor fictício entra em contato expresso, como facilitador da compreensão do texto apresentado por meio do despertar das potencialidades de compreensão do aluno virtual, aqui compreendidas como repertório.

Ensinar exige disponibilidade para o diálogo

Pensando no caminho da palavra do tutor da EaD, paramos no caminho para analisar o diálogo, a disponibilidade e a importância que ele exige para que se possa ensinar e aprender, há de se existir, quem deseja na realidade aprender e quem deseja aprender, pois precisa existir aí uma troca de conhecimentos, ninguém ensina ninguém, ninguém é detentor do conhecimento, e ninguém aprende tudo, é totalmente vazio, que nada há de conhecimento, que seja vazio, há sempre um conhecimento de mundo que cada um traz em si que deve ser respeitado e que precisa ser aproveitado, e é o que sabemos e já trazemos como bagagem de conhecimento, aliado ao que aprendemos que nos faz diferente do outro, pois na maioria das vezes, este conhecimento que chamamos de “conhecimento de mundo” é a nossa bagagem cultural” nosso modo de viver, nossa cultura pessoal, é o nosso diferencial, o que trazemos de pessoal, de nosso.

E, por isso, retomamos Paulo Freire (1996), que nos oferece a perspectiva da importância do diálogo como um eixo para pensar sobre o papel da educação na construção de uma sociedade mais democrática. Está implícito, em seu discurso, o pressuposto que o processo educativo, como espaço social, é

marcado por contradição e ambiguidades. Serve primordialmente à lógica da dominação, mas contém em si mesmo o germe da possibilidade de práticas emancipatórias.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Henrique Lopes de.; VICENTE, Kyldes. Batista; SILVA, Silvana Lovera. Dialogismo e Intertextualidade em "As Naus". **Revista Trama** (Cascavel. Impresso), v. 7, p. 39-47, 2011.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1978.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A comunicação humana. In: FIORIN, J.L. **Introdução à linguística**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. B179 2a ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005b, 368 p. 25-36

ECO, U. **Lector in Fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GERALDI, João Wanderley. **A leitura na sala de aula: as muitas faces de um leitor**. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_05_p079-084_c.pdf, acesso em 23 dez. 2008.

LÉVY, Pierre. **O Que é o Virtual**. São Paulo: Editora 34, 1997.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; ARAÚJO, Monica Dias; CAETANO, Vivianne Nunes da Silva. **Epistemologia e Educação: reflexões sobre temas educacionais**. Belém: PPGED-UEPA, 2012.

SILVA, Eli Pereira; VICENTE, Kyldes Batista; AIRES, Maria Lourdes F. G. A linguagem de inserção no material impresso para educação a distância. **Travessias** (UNIOESTE. Online), v. 6, p. 476-484, 2012.

WENGER, Etienne. **Communities of practice a brief introduction**. June, 2006. Disponível em: <http://www.ewenger.com/theory/index.htm>

Recebido em 18 de agosto de 2018.

Aceito em 30 de setembro de 2018.